

Estratégias de enfrentamento (*coping*) em trabalhadores: revisão sistemática da literatura nacional

Lúcia Petrucci de Melo^I

Mary Sandra Carlotto^{II}

Sandra Yvonne Spiendler Rodriguez^{III}

Liciane Diehl^{IV}

Estratégias de enfrentamento (*coping*) em trabalhadores: revisão sistemática da literatura nacional

RESUMO

O presente estudo objetivou realizar levantamento dos artigos empíricos nacionais publicados de 2009 a 2013 sobre estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por trabalhadores, bem como analisar as variáveis associadas ao *coping*. A busca ocorreu nas bases de dados Lilacs, SciELO Brasil e PePSIC. Do total de 655 artigos identificados, 18 artigos atenderam aos critérios de seleção. Resultados identificaram que o instrumento mais utilizado para avaliar o *coping* é o Inventário de Estratégia de *Coping*, de Folkman e Lazarus (1984), no qual, 44% e 50% dos estudos analisados eram de delineamento analítico, sendo o estresse (22%) a principal variável associada. Entre as estratégias mais utilizadas pelos trabalhadores, estão a resolução de problemas (100%) e o confronto (55%); e as menos utilizadas são afastamento (33%) e aceitação de responsabilidades (22%). Nota-se a importância de ampliar estudos com amostra probabilística que permitam avaliação das relações de causa e efeito dos fenômenos, bem como de corte longitudinal que ampliem o campo de conhecimento sobre possibilidades de mudanças.

Palavras-chave: *Coping*; Trabalhadores; Revisão sistemática; Estratégias de enfrentamento.

Coping in workers: a systematic review of national literature

ABSTRACT

The study aimed to examine empirical articles on coping strategies used by Brazilian workers published in Brazil from 2009 to 2013 as well as to analyze the variables associated with them. The search was performed on the databases Lilacs, SciELO Brasil and PePSIC. From the 655 articles identified, 18 met the selection criteria.

Results found that 44% of the studies used Folkman and Lazarus Inventory (1984) to assess the coping, and that stress (22%) was the primary variable associated. Among the strategies used by workers problem solving (100%) and confrontation (55%) were the most used and distancing (33%) and accepting responsibility (22%) were the least used. It is possible to note the importance of conducting further studies with probabilistic samples that allow assessing the cause and effect relations for the phenomena, in addition to longitudinal studies that enable advanced knowledge on the possibilities of change.

Keywords: Coping; Workers; Systematic review; Coping strategies.

Estrategias de enfrentamento (*coping*) en los trabajadores: revisión sistemática de la literatura nacional

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo analizar artículos empíricos brasileños publicados desde 2009 hasta 2013 sobre estrategias de afrontamiento utilizadas por trabajadores y analizar las variables asociadas a estas. La búsqueda se produjo en las bases Lilacs, SciELO Brasil y PePSIC. Del total de 655 artículos identificados, 18 cumplieron con los criterios de selección. Con base en los resultados, fue posible identificar que el Inventario de Estrategias de Afrontamiento de Folkman y Lázaro (1984) (44%) es el más utilizado para evaluar el afrontamiento y que el estrés (22%) es la principal variable asociada. Las estrategias más utilizadas por los trabajadores son la resolución de problemas (100%) y la confrontación (55%), y las menos utilizadas son el distanciamiento (33%) y la aceptación de la responsabilidad (22%). Se observó la importancia de ampliar los estudios con muestra probabilística que permita la evaluación de las causas y efectos de los fenómenos, así como de corte longitudinal que promuevan amplíen el campo de conocimiento sobre posibilidades de cambio.

Palabras clave: Afrontamiento; Trabajadores; Revisión Sistemática; Estrategias de afrontamiento.

Introdução

As inovações técnicas e tecnológicas nas organizações, como fruto da modernidade, têm ocasionado o aumento do estresse ocupacional em trabalhadores. A emergência desses avanços permite testemunhar profundas mudanças sociais nos processos produtivos e nos arranjos das relações de trabalho (Fernandes & Vasques-Menezes, 2012). A nova arquitetura organizacional exige dos trabalhadores constantes adaptações e novas estratégias, necessárias à manutenção da qualidade de vida para enfrentar mudanças e administrar situações estressantes, crônicas ou traumáticas (Guido, Linch, Pitthan, & Umann, 2011; Murta & Tróccoli, 2007).

Pesquisadores, preocupados com a saúde mental dos trabalhadores, têm realizado estudos sobre o estresse ocupacional em diversas categorias profissionais e reconhecem esse como um dos principais riscos ao bem-estar psicossocial do indivíduo com implicações fisiológicas, psicológicas e comportamentais (Carlotto & Câmara, 2010; Griep, Rotenberg, Landsbergis, & Vasconcellos-Silva, 2011; Souza, Guimarães, &

Araújo, 2013). As alterações no estado de saúde, derivadas do estresse, podem comprometer o equilíbrio físico e mental do trabalhador, dessa maneira, ocasionando consequências no desempenho do profissional, baixa moral, alta rotatividade, absenteísmo e violência no local de trabalho (Rodrigues & Chaves, 2008).

As pessoas nem sempre estão preparadas para evitar o estresse, mas a forma como lidam com ele faz diferença para sua saúde mental (Murta & Tróccoli, 2007; O'Driscoll, 2013). Estudos empíricos têm demonstrado o poder do *coping* como preditor da saúde ocupacional, evidenciando que as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos indivíduos são determinantes na evolução do estresse e desenvolvimento de doenças ocupacionais (Prati, Pietrantonio, & Cicognani, 2011; Sousa, Mendonça, Zanini, & Nazareno, 2009).

No campo de estudo do estresse no trabalho, há uma perspectiva teórica que enfatiza a importância das variáveis individuais como atenuadoras dos seus efeitos, entendendo que estas são produtos do sujeito baseado na valoração que o mesmo atribui ao evento estressor, fazendo com que a avaliação que os indivíduos realizam sobre um mesmo acontecimento seja diferente. Uma das variáveis individuais que tem recebido maior atenção dos estudiosos é a estratégia de enfrentamento (*coping*) (Puente, Gutiérrez, Pueyo, & López, 2000).

Ao longo do tempo, o entendimento sobre o conceito de *coping* tem sofrido alterações. No início do século XX, ele foi tratado como um mecanismo de defesa, motivado interna e inconsistentemente como a maneira do indivíduo de lidar com seus conflitos sexuais e agressivos; sendo tratado como estável, numa hierarquia de saúde *versus* psicopatologia (Vaillant, 1994; Antoniazzi, Dell'Aglio, & Bandeira, 1998). Uma segunda geração classificou os comportamentos associados ao *coping* como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, com ênfase no processo tanto quanto em traços de personalidade, com isso, desfazendo a característica de inflexibilidade que até então era adotada (Folkman & Lazarus, 1985; Antoniazzi, Dell'Aglio, & Bandeira, 1998). A terceira geração de pesquisadores, no final do século XX, direcionou seus estudos para a convergência entre *coping* e personalidade. Essa tendência foi motivada, em parte, por pesquisas que indicaram que fatores situacionais não são capazes de explicar toda a variação nas estratégias de enfrentamento utilizadas pelos indivíduos (Antoniazzi, Dell'Aglio, & Bandeira, 1998).

O conceito de estratégias de enfrentamento (*coping*) mais empregado na literatura e aceito na comunidade científica compreende esse como o conjunto de medidas intencionais, cognitivas e comportamentais adotado pelas pessoas para adaptarem-se a diferentes circunstâncias estressantes com o propósito de minimizar sua susceptibilidade e retornar ao seu estado anterior (Folkman, 1984; Murta & Tróccoli, 2007; Pocinho & Perestrelo, 2011; Rocha Sobrinho & Porto, 2012; Kleinubing, Goulart, Silva, Umann, & Guido, 2013). O modelo proposto por Folkman e Lazarus (1980) divide o *coping* em duas categorias funcionais: o *coping* focalizado no problema e o *coping* focalizado na emoção. O *coping* focalizado no problema constitui-se no esforço despendido pelo sujeito para atuar na situação que deu origem ao estresse, tentando mudá-la. A função dessa estratégia é alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. O *coping* focalizado na emoção é compreendido como um esforço para regular o estado emocional que é associado ao estresse e reduzir a sensação física desagradável que é gerada. Estes esforços são dirigidos a um nível somático e/ou a um nível de sentimentos, tendo por consequência a alteração do estado emocional do indivíduo. Apesar da grande variedade de estudos conduzidos sobre essa temática, é crucial que mais atenção seja dada às pesquisas, uma vez que o *coping* tem demonstrado ser o centro do bem-estar psicológico (O'Driscoll, 2013).

Apesar de ser uma temática investigada desde a década de 1980, no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), e alvo de atenção de pesquisadores de

diferentes disciplinas (Tamayo, Mendonça, & Silva, 2012), ainda há pouca investigação sobre *coping*. A revisão sistemática realizada por Tonetto, Amazarray, Koller e Gomes (2008), com artigos publicados em POT, de 2001 a 2005, corrobora o resultado obtido ao revelar que o *coping* foi investigado em apenas um estudo entre os 178 artigos analisados.

A revisão sistemática da literatura é um meio para obtenção de subsídios para a prática baseada em evidência, que permite ordenar, a partir de um dado período de tempo, um conjunto de informações e resultados já obtidos sobre determinado tema, de forma a investigar pontos consolidados do conhecimento e identificar novas pautas de pesquisa (Briner, 2012; Campos & Nakano, 2012; De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahaschi, & Bertolozzi, 2011). Desta forma, este estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura de pesquisas brasileiras a respeito de estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por trabalhadores, bem como analisar as variáveis associadas ao *coping*.

Método

Para este estudo, operacionalizou-se a pesquisa bibliográfica mediante a busca eletrônica de artigos indexados nas seguintes bases: SciELO Brasil (<http://www.scielo.com.br>), Lilacs – Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (<http://www.bireme.br>) e PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia (<http://pepsic.bvs-psi.org.br>), a partir das palavras relacionadas aos temas “*coping*” e “trabalhadores”. Optou-se por essas bases porque contemplam revistas conhecidas e de ampla divulgação e abrangência nacional. A busca foi realizada nos meses de janeiro a março de 2014, incluiu artigos publicados no período de 2009 a 2013 e combinou as palavras “enfrentamento” AND “trabalhadores”, “enfrentamento” AND “trabalho”, “*coping*” AND “workers”, “*coping*” AND “professionals”, “*coping*” AND “employers”, “*coping*” AND “work”, “enfrentamiento” AND “trabajadores”, “enfrentamiento” AND “trabajo”.

No final do levantamento nas bases, realizou-se uma pesquisa manual de artigos relacionados ao tema investigado no Google Acadêmico como forma de validação da pesquisa e possível identificação de novos artigos. Na primeira busca, foram identificados 655 artigos. A partir desta relação, foram adotados os seguintes critérios de inclusão para a seleção das produções científicas analisadas nesta revisão: (1) artigos publicados em língua portuguesa, inglesa e espanhola; (2) trabalhos empíricos de método quantitativo, delineamento possível de atender ao objetivo do estudo, realizados com amostra de trabalhadores brasileiros; (3) artigos que tivessem como objetivo de estudo identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por trabalhadores. A amostra final ficou composta por 18 artigos. A Figura ilustra a busca e seleção dos estudos.

Com o intuito de proporcionar um tratamento detalhado dos dados para a análise, foram recuperados na íntegra os 18 artigos finais. De posse do material, foi realizada uma leitura de cada artigo, para tanto, organizando as informações de acordo com as seguintes dimensões de análise estabelecidas: (1) Ano de publicação; (2) Periódico; (3) Campo de atuação do autor; (4) Categoria profissional estudada; (5) Tipo de amostra; (6) Instrumento utilizado para avaliação do *coping*; (7) Variáveis associadas ao estudo de *coping*; (8) Principais resultados.

Resultados e discussão

As bases de dados utilizadas para o levantamento de artigos deste estudo foram importantes para a confirmação das principais fontes de busca de periódicos nacio-

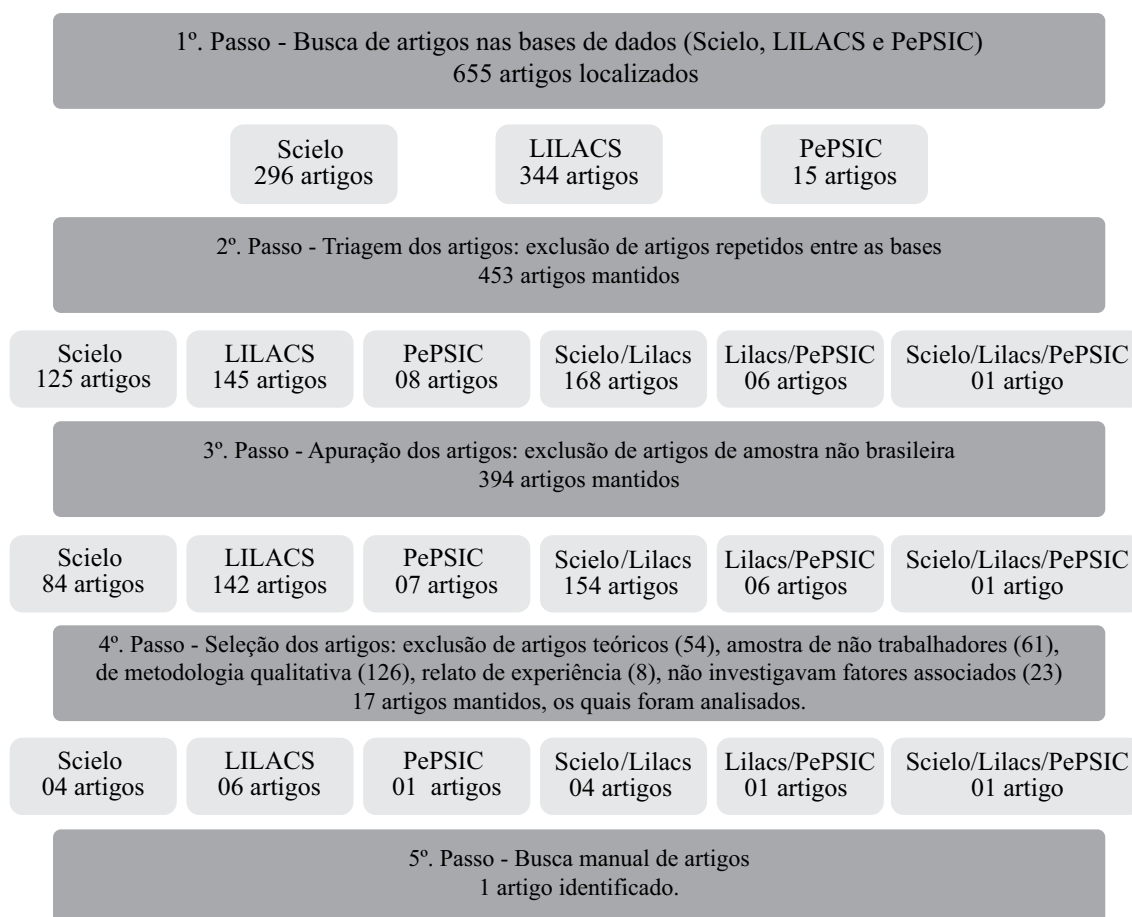


Figura: Critérios de seleção dos artigos incluídos na revisão sistemática

nais pertinentes ao tema investigado. Os 18 artigos que compuseram a amostra final foram organizados no Quadro em ordem de data de publicação, o qual apresenta uma visão geral das características selecionadas como critérios deste estudo.

Perfil das publicações

É possível observar equilíbrio e linearidade quanto ao ano das publicações, pois, em 2011, houve cinco artigos publicados (27%), enquanto que, em 2009, foram quatro publicações (22%) e, em 2010, 2012 e 2013, manteve-se a quantidade de três publicações em cada ano (16%). Considerando a quantidade de artigos publicados, pode-se pensar que este ainda é um tema pouco investigado (Tamayo et al., 2012; Tonetto et al., 2008).

A psicologia aparece como a área de formação dos pesquisadores que mais investigam sobre *coping* em trabalhadores ($n = 11$; 61%). Contudo é também objeto de estudo em outras áreas do conhecimento como enfermagem ($n = 4$; 22%), gerontologia, educação, nutrição e educação física (cada uma com um artigo; 5%), o que demonstra que o tema é de interesse multidisciplinar. É possível pensar que a grande concentração de estudos se encontre relacionada à psicologia em virtude de o constructo teórico mais aceito pela comunidade científica internacional ter sido desenvolvido por Suzan Folkman e Richard Lazarus, na década de 1980, e sob a perspectiva de um fenômeno psicológico. Além disso, ambos os autores são psicólogos e reconhecidos internacionalmente por suas contribuições teóricas e empíricas para o campo de estresse psicológico e *coping* (O'Driscoll, 2013).

Quadro 1: Apresentação das dimensões analisadas nos artigos selecionados

Dados artigo	Atuação dos autores	Objetivo do estudo	Categoria profissional	Amostra/Tipo de amostra	Instrumento coping	Variável associada	Principais resultados
Murta, S. G. & Tróccoli, B. T. Intervenções psicoeducativas para manejo de estresse ocupacional: um estudo comparativo. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 2009. Telles, S. H. & Pimenta, A. M. C. Síndrome de <i>burnout</i> em agentes comunitários de saúde e estratégias de enfrentamento. Saúde e Sociedade, 2009.	Psicologia	Comparar dois tipos de intervenção para manejo de estresse ocupacional focados em habilidades individuais de <i>coping</i> : uma intervenção multimodal para manejo de estresse e outra baseada em treino de habilidades sociais.	Administrativo	n = 131 Não probabilística	Escala de <i>Coping</i> Ocupacional, Latack, 1986. Validada para o Brasil por Pinheiro, Tamayo e Tróccoli, 2003. Índice de confiabilidade interna: entre 0,77 e 0,81. ⁽¹⁾	Avaliação de programa de manejo de estresse	Pós-intervenções ocasionaram maior uso de estratégia de controle.
Guido, L. A., Umann, J., Stekel, L. M. C., Linch, G. F. C., Silva, R. M. & Lopes, L. F. Estresse, <i>coping</i> e estado de saúde de enfermeiros de clínica médica em um hospital universitário. Ciência, cuidado e saúde, 2009.	Psicologia	Investigar sinais indicativos da síndrome de <i>burnout</i> e estratégias de enfrentamento utilizadas por agentes comunitários de saúde.	Agentes comunitários de saúde	n = 80 Não probabilística	Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP), Seidl e colaboradores (2001). Índice de confiabilidade interna: entre 0,70 e 0,84. ⁽²⁾	Síndrome de <i>burnout</i>	As estratégias mais utilizadas foram as focalizadas no problema, seguidas pela busca de práticas religiosas e enfrentamento focalizado nas emoções.
Guido, L. A., Umann, J., Stekel, L. M. C., Linch, G. F. C., Silva, R. M. & Lopes, L. F. Estresse, <i>coping</i> e estado de saúde de enfermeiros de clínica médica em um hospital universitário. Ciência, cuidado e saúde, 2009.	Enfermagem	Caracterizar o perfil dos enfermeiros atuantes em clínica médica, conhecer as situações que esses profissionais identificam como estressoras em ambiente hospitalar, assim como identificar o estado geral de saúde e os mecanismos de <i>coping</i> por eles utilizados no ambiente de trabalho.	Enfermeiros	n = 10 Não probabilística	Inventário de Estratégias de <i>Coping</i> , Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70. ⁽³⁾	Estresse Estado geral de saúde	A estratégia mais utilizada entre os profissionais foi a resolução de problemas, e a menos utilizada a aceitação de responsabilidades.

Continua

<p>Continuação</p>	<p>Zaffari, N. T., Peres, V. L., Carlotto, M. S. & Câmara, S. G. Síndrome de <i>burnout</i> e estratégias de <i>coping</i> em professores: diferença entre gêneros, 2009.</p>	<p>Investigar se existe diferença na relação entre as dimensões de <i>burnout</i> e estratégias de <i>coping</i> utilizadas em professores em relação ao gênero.</p>	<p>Psicologia</p>	<p>Professores</p>	<p>N = 62 Não probabilística</p>	<p>Escala de <i>Coping</i> no Trabalho (COPE), Carver, Sheier e Weintraub, 1989. Índice de confiabilidade interna: entre 0,60 e 0,86.⁽⁴⁾</p>	<p>Síndrome de <i>burnout</i></p>	<p>Em homens quanto maior o uso da estratégia planejamento, menor o sentimento de desgaste emocional. E a despersonalização aumenta na medida em que há mais utilização de estratégias ficadas na emoção, negação, desligamento comportamental e mental e uso de substâncias. Em mulheres, à medida que aumenta a utilização de estratégias de supressão de atividades concomitantes, <i>coping</i> moderado e reinterpretado positiva, diminui o sentimento de distanciamento da clientela e, quanto maior o uso de <i>coping</i> ativo, maior a realização no trabalho.</p>
	<p>Santos, A. F. O. & Cardoso, C. L. Profissionais de saúde mental: estresse, enfrentamento e qualidade de vida. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010.</p>	<p>Avaliar a manifestação de estresse e a qualidade de vida de profissionais de saúde mental de serviços substitutivos caracterizados pelo modo psicossocial de atenção, bem como as estratégias de enfrentamento utilizadas ante a situação cotidiana de contato com usuário em sofrimento mental.</p>	<p>Psicologia</p>	<p>Profissionais de saúde</p>	<p>n = 25 Não probabilística</p>	<p>Inventário de Estratégias de <i>Coping</i>, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70.⁽³⁾</p>	<p>Estresse e Qualidade de Vida</p>	<p>As estratégias mais utilizadas foram: suporte social, resolução de problemas e autocontrole. As menos utilizadas foram: afastamento e confronto. As mulheres utilizam mais a estratégia de suporte social que os homens. Quanto maior o nível de escolaridade, maior a utilização da estratégia de resolução de problema. Quanto maior o tempo de serviço, menor é o uso das estratégias de confronto, afastamento, aceitação da responsabilidade, fuga-esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva. As médias das estratégias de afastamento e fuga-esquiva foram maiores nos profissionais com presença de indicadores de estresse.</p>
	<p>Peçanha, D. L. & Campana, D. P. Avaliação qualitativa de intervenção com Yoga na promoção da qualidade de vida em uma universidade. Boletim Academia Paulista de Psicologia, 2010.</p>	<p>Verificar a possibilidade de incrementar a qualidade de vida de servidores de uma universidade. Conhecer a percepção dos participantes relativamente à qualidade de vida no trabalho, identificar os estilos de <i>coping</i> e comparar os estilos utilizados pelos participantes antes e após a intervenção.</p>	<p>Psicologia e Ciências Sociais</p>	<p>Funcionários de universidade.</p>	<p>n = 10 Não probabilística</p>	<p>Inventário de Respostas de <i>Coping</i> no trabalho (IRC-T), tradução e adaptação validada para o contexto laboral do <i>Coping Responses Inventory</i>, Shaefer & Moss, 1998, por Peçanha, 2006. Índice de confiabilidade interna: igual a 0,96.⁽⁵⁾</p>	<p>Qualidade de Vida</p>	<p>Pós-intervenção: houve aumento da utilização das estratégias de enfrentamento e diminuição da estratégia evitação dos problemas.</p>

Continua

<p>Continuação</p>	<p>Sousa, J. R. Associações da personalidade, enfrentamento e suporte social com o estado nutricional. <i>Psicologia, Saúde e Doenças</i>, 2011.</p>	<p>Nutrição</p> <p>Observar as associações existentes entre o estado nutricional e variáveis psicossociais, como traços de personalidade, enfrentamento psicológico e suporte social.</p>	<p>Funcionários de hospital</p> <p>n = 317</p> <p>Não probabilística</p>	<p>Versão Abreviada do Inventário do Pensamento Construtivo (C-PTI-S), Epstein e Meier, 1989. Índice de confiabilidade interna: igual a 0,92.⁽⁶⁾</p>	<p>Personalidade, suporte social e estado nutricional</p> <p>Nos homens, a dimensão enfrentamento comportamental é mais elevada que nas mulheres. Enquanto que a dimensão de suporte social é maior entre o gênero feminino.</p>
	<p>Guido, L. A.; Linch, G. F. C.; Piithan, L. O. & Umann, J. Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares. <i>Revista Escola de Enfermagem USP</i>, 2011.</p>	<p>Enfermagem</p> <p>Conhecer as situações que os enfermeiros identificam como estressores comuns à atuação em ambiente hospitalar, assim como identificar o estado geral de saúde e as formas de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros no ambiente de trabalho.</p>	<p>Enfermeiros</p> <p>n = 143</p> <p>Não probabilística</p>	<p>Inventário de Estratégias de Coping, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70.⁽³⁾</p>	<p>Estresse e estado geral de saúde</p> <p>Resolução de problemas correspondeu a estratégia de maior média, e a de menor média foi confronto. Não houve associação significativa entre estresse e coping. Quanto ao estado de saúde e coping, houve associação positiva.</p>
	<p>Negromonte, M. R. O & Araujo, T. C. C. F. Impacto do manejo clínico da dor: avaliação de estresse e enfrentamento entre profissionais de saúde. <i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i>, 2011.</p>	<p>Psicologia</p> <p>Investigar a percepção de estresse e as estratégias de enfrentamento adotadas por profissionais de equipes especializadas, respectivamente, no acompanhamento de pacientes com dor aguda e dor crônica.</p>	<p>Profissionais de saúde</p> <p>n = 62</p> <p>Não probabilística</p>	<p>Inventário de Estratégias de Coping, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70.⁽³⁾</p>	<p>Estresse</p> <p>As estratégias frequentemente utilizadas foram: fuga-esquiva, confronto, autocontrole, resolução de problemas, afastamento, suporte social, aceitação de responsabilidade e reavaliação positiva. Foi identificada maior utilização da estratégia de resolução de problemas entre profissionais que participaram de treinamento voltado para o manejo clínico de dor.</p>

Continua

Continuação						
Kurebayashi, L. F. S.; Gnatta, J. R.; Borges, T. P. & Silva, M. J. P.	Avaliar a eficácia da auriculoterapia com agulhas e sementes, para a diminuição dos níveis de estresse dos colaboradores da equipe de enfermagem de um hospital; identificar e analisar diferenças entre o antes e o depois do tratamento nos domínios de coping.	Enfermagem	Enfermeiros	n = 75 Não probabilística	Inventário de Estratégias de Coping, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70. ⁽³⁾	Estresse A reavaliação positiva é a principal estratégia de enfrentamento utilizada. Foi identificada menor utilização das estratégias afastamento, controle e suporte social entre os profissionais que realizaram o tratamento.
Rocha Sobrinho, F., Porto, J. B.	Identificar o impacto de variáveis demográficas, clima social e coping no bem-estar no trabalho.	Psicologia	Funcionários de uma organização do ramo de educação	n = 2.438 Não probabilística	Escala de Coping Ocupacional, Latack, 1986. Validada para o Brasil por Pinheiro, Tamayo e Tróccoli, 2003. Índice de confiabilidade interna: entre 0,77 e 0,81. ⁽¹⁾	Bem-estar no trabalho Nos fatores de coping, manejo de sintomas e controle tiveram associação positiva com clima social. O clima social e as estratégias de enfrentamento do estresse impactam no bem-estar no trabalho.
Guido, L. A., Silva, R. M., Goulart, C. T., Kleinübing, R. E. & Umann, J.	Identificar os estressores, o nível de estresse e as estratégias de enfrentamento utilizadas por enfermeiros de uma unidade de clínica cirúrgica.	Enfermagem	Enfermeiros	n = 09 Não probabilística	Inventário de Estratégias de Coping, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70. ⁽³⁾	Estresse A resolução de problemas é o fator mais utilizado e o fator aceitação de responsabilidade o menos utilizado.

Continuação	<p>Servino, S.; Rabelo, E. & Campos, R. P. Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre profissionais de tecnologia da informação. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2013.</p>	<p>Investigar o estresse entre os profissionais de TI dentro das organizações brasileiras, enfatizando como esse profissional percebe e lida com o fenômeno neste início da segunda década do século XXI.</p>	<p>Profissionais de tecnologia da informação</p> <p>n = 307</p> <p>Não probabilística</p>	<p>Inventário de Estratégias de Coping, Folkman e Lazarus, 1984. Validado para o Brasil por Savoia, 1999. Índice de confiabilidade interna: acima de 0,70.⁽⁶⁾</p>	<p>A estratégia mais utilizada é a resolução de problemas e a menos utilizada é a de confronto. Mulheres utilizam mais a estratégia de suporte social que os homens. Não houve diferenças significativas entre grupos ocupacionais. Os profissionais autônomos utilizam mais a estratégia de afastamento, e os terceirizados, suporte social. Profissionais com mais tempo de trabalho utilizam as estratégias de confronto e afastamento. Profissionais que utilizam confronto ou a fuga-esquiva são os com o maior nível de estresse. A estratégia de enfrentamento aceitação de responsabilidades diminui os níveis de estresse. Homens utilizam mais as estratégias de</p>
<p>Vieira, L. F., Carruzo, N. M., Aizava, P. V. S. & Rigoni, P. A. G. Análise da síndrome de <i>burnout</i> e das estratégias de coping em atletas brasileiros de vôlei de praia. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2013.</p>	<p>Analisar a síndrome de <i>burnout</i> e as estratégias de coping de jogadores de vôlei de praia.</p>	<p>Atletas</p> <p>n = 144</p> <p>Não probabilística</p>	<p>Inventário Atlético das Estratégias de Coping, Smith et al., 1995. Validado para a língua portuguesa por Serpa & Palmeira, 1997. Índice de confiabilidade interna: igual a 0,75.⁽⁷⁾</p>	<p>rendimento máximo sob pressão, concentração, formulação de objetivos, confiança e motivação para a realização, treinabilidade e índice de confronto no esporte. A categoria sub-21 utiliza com mais estratégias relacionadas à ausência de preocupações e treinabilidade, enquanto a categoria <i>open</i> realiza mais estratégias de rendimento máximo sob pressão. Os atletas ranqueados entre o 5º e 8º lugar apresentaram maior estratégia para rendimento máximo sob pressão, em relação aos atletas do 9º lugar em diante. O estudo identificou que quanto mais altos são os níveis de <i>burnout</i> dos atletas, menor é a frequência de utilização das estratégias de enfrentamento, rendimento máximo sob pressão, confronto com adversidade, concentração, formulação de objetivos, confiança e motivação para a realização, treinabilidade e índice de confronto no esporte.</p>	

Continua

Continuação

Braun, A. C. & Carlotto, M. S. Síndrome de <i>burnout</i> em professores de ensino especial. Barbarói, 2013.	Psicologia	Professores	n = 88 Não probabilística	Verificar a prevalência das dimensões da síndrome de <i>burnout</i> e a relação com variáveis sociodemográficas, laborais e estratégias de <i>coping</i> ocupacional em professores de ensino especial.	<p>Escala de <i>Coping</i> Ocupacional, Latack, 1986. Válida para o Brasil por Pinheiro, Tamayo e Tróccoli, 2003. Índice de confiabilidade interna: entre 0,77 e 0,81.⁽¹⁾</p> <p>Síndrome de <i>burnout</i></p> <p>Quanto maior é o uso de estratégias de controle maior é o sentimento de Ilusão pelo Trabalho. A maior utilização de estratégias de esquiva aumenta o Desgaste Psíquico, Indolência e diminui a Ilusão pelo Trabalho.</p>
--	------------	-------------	------------------------------	---	--

Nota: (1) - Apresenta 46 itens, agrupados em três fatores: a) Controle: ações para lidar com a fonte geradora de estresse e reavaliações cognitivas de tais fontes; b) Esquiva: ações ou cognições de evitação da fonte geradora de estresse; c) Manejo de sintomas: ações ou cognições usadas para lidar com os sintomas do estresse. (2) - Apresenta 45 itens, distribuídos em quatro fatores: a) Enfrentamento focalizado no problema: estratégias comportamentais que representam aproximação em relação ao estressor, voltadas para o seu manejo ou solução, bem como estratégias cognitivas direcionadas para a reavaliação e ressignificação do problema; b) Enfrentamento focalizado na emoção: estratégias cognitivas e comportamentais de esquiva e/ou negação, expressão de emoções negativas, pensamento fantasioso, autculpa e/ou culpabilização de outros, com função paliativa ou de afastamento do problema; c) Busca de suporte social: procura de apoio social emocional ou instrumental para ajudar a lidar com o problema; d) Busca de práticas religiosas: pensamentos e comportamentos religiosos como modos de enfrentamento e manejo do estressor. (3) - Apresenta 66 itens, agrupados em oito fatores: Confronto; Afastamento; Autocontrole; Suporte social; Aceitação de responsabilidade; Fuga-esquiva; Resolução de problemas, e Reavaliação positiva. (4) - Apresenta 60 itens que se agrupam em 15 fatores (4 itens para cada fator): a) *Coping* ativo: remover ou melhorar os efeitos do estressor; b) Planejamento: pensar sobre alternativas para lidar com um estressor; c) Supressão de atividades concomitantes: suprimir atividades que distraiam o sujeito do foco representado pelo estressor; d) *Coping* moderado: esperar uma oportunidade apropriada para a ação, restringindo a impulsividade; e) Busca de suporte social por razões instrumentais: procurar por conselho ou informação sobre o estressor; f) Busca de suporte social por razões emocionais: buscar apoio moral, compaixão ou entendimento; g) Foco na expressão de emoções: focalizar na experiência de estresse, expressando sentimentos negativos; h) Desligamento comportamental: abandonar tentativas para atingir metas nas quais o estressor interfere; i) Desligamento mental: utilizar atividades alternativas para afastar o problema da mente; j) Reinterpretação positiva: reinterpretar uma situação tensa; k) Negação: recusa em acreditar na existência do estressor; l) Aceitação: perceber o estressor como real e, posteriormente, aceitá-lo como um fenômeno natural; m) Retorno para a religiosidade: voltar-se para a religião como forma de aliviar a tensão; n) Humor: fazer graça da situação estressora; o) Uso de substâncias: desviar do problema através do uso de substâncias psicoativas. (5) - Apresenta 48 itens que se agrupam em dois tipos: enfrentamento e evitação. (6) - Fornece resultados em sete escalas: uma escala global e seis escalas específicas. As escalas específicas são as seguintes: Enfrentamento emocional, Enfrentamento comportamental, Pensamento categórico, Pensamento supersticioso, Pensamento esotérico e Otimismo ingênuo. (7) - Apresenta 28 itens organizados em sete subescalas: a) Rendimento máximo sob pressão; b) Ausência de preocupações; c) Confronto com a adversidade; d) Concentração; e) Formulação de objetivos; f) Confiança e motivação para a realização e g) Treinabilidade ou disponibilidade para aprendizagem a partir do treino.

Possivelmente, como reflexo da concentração de pesquisadores oriundos da psicologia, os periódicos de publicação dos estudos concentram-se nesta área de conhecimento (n = 11; 61%), seguidos da área da enfermagem (n = 5, 28%), administração (n = 1; 5,5%) e educação física (n = 1; 5,5%). Com relação às categorias profissionais investigadas, os profissionais de saúde são os mais estudados (n = 8; 44%), mas o *coping* é pesquisado em uma variedade de trabalhadores, incluindo cargos administrativos (n = 3, 17%), professores (n = 3; 17%), profissionais de tecnologia da informação (TI) (n = 2; 11%), atletas (n = 1; 5%) e pilotos de caça (n = 1; 5%). Isso evidencia preocupação em investigar as estratégias de enfrentamento em profissionais cujas características do trabalho os tornam mais vulneráveis ao estresse laboral (Hypolito & Grishcke, 2013).

Análise metodológica dos estudos

A análise evidencia que a totalidade dos estudos restringiu-se à avaliação de amostras não probabilísticas, sem possibilidade de generalização de seus resultados. Pode-se pensar que a investigação do *coping* seja ainda influenciada por características próprias de a sua origem estar centrada no campo da psicologia, área que focaliza o conhecimento da subjetividade do comportamento e a metodologia qualitativa (Paulin & Luzio, 2009). Ademais, observa-se que é recente a aproximação da psicologia à saúde pública, na qual se prioriza a investigação dos fenômenos epidemiológicos, de prevalência, fatores de risco, com método sustentado por mensurações e inferências estatísticas (Turato, 2005) com o intuito de transpor os resultados para a população investigada.

O instrumento mais utilizado para avaliação do *coping* em trabalhadores é o Inventário de Estratégias de *Coping*, de Lazarus e Folkman (1984) (n = 8; 44%), seguido pela Escala de *Coping* Ocupacional, de Latack (1986) (n = 4; 22%). Observou-se a presença de outros instrumentos de avaliação como a Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP), de Seidl, Troccoli, e Zannon (2001); Inventário de Respostas de *Coping* no trabalho (IRC-T) – tradução e adaptação validada para o contexto laboral do *Coping Responses Inventory*, de Shaefer e Moss (1998); Escala de *Coping* no Trabalho (COPE), de Carver, Sheier e Weintraub (1989); Versão Abreviada do Inventário do Pensamento Construtivo (CTI-S), de Epstein e Meier (1989); e Inventário Atlético das Estratégias de *Coping*, de Smith, Schutz, Smoll e Ptacek (1995).

Se, por um lado, os pesquisadores têm a seu dispor uma grande variedade de instrumentos para avaliar *coping* em trabalhadores, por outro, essa mesma heterogeneidade de escalas pode ocasionar riscos na medida em que se estuda um mesmo constructo por meio de diferentes definições. Além disso, os instrumentos avaliam as estratégias de enfrentamento dos trabalhadores com grau de profundidade bastante variado, critério de escolha que precisa ser cuidadosamente definido. Enquanto o Inventário de *Coping* no Trabalho, de Shaefer e Moss (1998), agrupa as estratégias de *coping* em apenas dois tipos de resultados: enfrentamento e evitação, a Escala de *Coping* no Trabalho, de Carver et al. (1989), compreende o uso de estratégias de enfrentamento por meio do mapeamento de 15 fatores detalhadamente descritos, o que permite uma análise mais abrangente sobre as diversas possibilidades de comportamentos para lidar com estressores ocupacionais.

Entre os estudos de associação, o *coping* é, em sua maioria, relacionado com o estresse (n = 4; 22%), seguido da síndrome de *burnout* (n = 3; 17%), personalidade e bem-estar no trabalho (cada um com um artigo; 5%). Nos estudos sobre estresse, o constructo tem sido objeto de grande interesse, especialmente em como o uso de determinadas estratégias pode ter uma influência importante no bem-estar do indivíduo (O'Driscoll, 2013).

Quanto aos resultados obtidos nos estudos, observou-se a predominância de estudos analíticos (n = 9; 50%), seguidos de estudos descritivos (n = 6; 33%) e de intervenção (n = 3; 17%). A escassez de estudos de intervenção reforça o distanciamento

entre teoria e prática (Briner, 2012), limitando a aplicabilidade do conhecimento acadêmico para a promoção de qualidade de vida no trabalho.

Principais resultados dos estudos

Tendo em vista a variedade de inventários utilizados para avaliação de *coping* em trabalhadores nas pesquisas avaliadas nesta revisão, optou-se pela análise dos principais resultados encontrados nos estudos a partir do modelo de Folkman e Lazarus (1980), considerando ser destes autores o instrumento mais utilizado.

A análise dos artigos que associaram estresse com *coping* (n = 4; 22%) permitiu observar que os trabalhadores com maior indicação de estresse fazem mais uso de estratégias como fuga-esquiva, afastamento e confronto. Em relação à associação de *coping* com a síndrome de *burnout* (n = 2; 11%), o resultado dos estudos aponta que, quanto mais altos os níveis de *burnout*, menor é a frequência de utilização de estratégias como resolução de problemas e controle, e maior a utilização de fuga-esquiva. Assim, pode-se pensar que, quanto maior a capacidade do profissional em focar na reavaliação cognitiva dos estressores laborais, maior a eficácia em lidar com os problemas do seu cotidiano profissional e com as situações adversas, assim, tornando-se menos vulnerável a adoecimentos.

Entre os estudos que objetivaram investigar quais as estratégias mais utilizadas por trabalhadores, todos apontaram a estratégia de resolução de problemas como a mais utilizada e 55% deles apontaram a estratégia de confronto como a menos utilizada, seguida de afastamento (33%) e aceitação de responsabilidade (22%). A estratégia de resolução de problemas pressupõe um planejamento adequado para lidar com os estressores, em que, ao invés de anular ou afastar a situação estressante de seu cotidiano, o indivíduo opta por resolver seu problema, modificar suas atitudes, desse modo, sendo capaz de lidar com as pressões das pessoas e do ambiente ao seu redor, com isso, diminuindo ou eliminando a fonte geradora de estresse (Damião, Rossato, Fabri, & Dias, 2009).

Alguns estudos revelaram diferenças entre homens e mulheres no que se refere às estratégias de enfrentamento (n = 4; 22%). Seus achados apontam que homens utilizam mais estratégias de enfrentamento ativo, planejamento e concentração, enquanto que as mulheres fazem uso de estratégias de suporte social e emocional e retorno à religiosidade. Outros estudos que realizaram esta mesma análise identificaram que homens adultos usam formas de enfrentamento mais diretas e focalizadas no problema ou mesmo de evitação, enquanto que as mulheres assumem uma postura fundamentada na emoção ou tentam resolver o estressor de forma aproximativa (Câmara & Carlotto, 2007). Esse fato pode ser entendido à luz dos processos de socialização entre homens e mulheres (Frydenberg, 1997; Piko, 2001), pelo qual os homens tendem a ser mais objetivos, autoritários, produtivos, competitivos e racionais em seu ambiente de trabalho, separando a vida privada da pública (Caetano & Neves, 2009), ao passo que mulheres possuem maior rede de apoio social e recursos para se proteger de estressores emocionais e interpessoais gerados pelo trabalho (Barros, 2008; Hermida & Stefani, 2011).

Em relação aos estudos com intervenção (n = 3; 17%), observou-se que houve alteração na estratégia de enfrentamento utilizada pelos envolvidos antes e depois. Todos obtiveram em seus resultados aumento no uso de estratégias de enfrentamento focadas no problema, tais como controle e resolução de problemas. Isso indica que as intervenções são importantes para que os indivíduos possam desenvolver habilidades de enfrentamento eficazes de acordo com cada circunstância vivenciada. Tão importante quanto à escolha da estratégia, o que determina a sua efetividade é que o trabalhador tenha domínio sobre a situação estressora (Demorouti, 2014).

Considerações finais

Esta revisão sistemática permitiu traçar um panorama dos estudos brasileiros que, nos últimos cinco anos, investigaram sobre estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por trabalhadores. Levando-se em conta o descarte de artigos que se repetiram ou não preencheram os critérios de inclusão estabelecidos, pode-se afirmar que o número de artigos identificados, que constituíram a amostra final deste estudo, serve como ilustração da produção científica brasileira sobre o *coping* em trabalhadores, sendo, portanto, um recorte que permitiu entender o tema pesquisado e mapear oportunidades para futuras investigações.

A partir das análises feitas, foi possível identificar lacunas metodológicas a serem preenchidas na produção de conhecimento sobre *coping*. Detectou-se espaço para a produção de estudos de delineamento experimental, os quais permitem a coleta de evidências para avaliação das relações de causa e efeito dos fenômenos (Breakwell & Rose, 2010; Davis & Bremner, 2010) e longitudinais que possibilitam compreender a natureza dinâmica dos processos e relacionamentos entre variáveis (Taris & Kompier 2014). Considerando o elevado número de estudos qualitativos, sugere-se a realização de estudo de metassíntese que possa dar conta do conhecimento acumulado por meio desse método (Denzin & Lincoln, 2000).

Embora os estudos analíticos apresentem vantagens em relação a custo e agilidade, os de intervenção permitem a avaliação das mudanças e avanços de certos temas de estudos ao longo do tempo (Francisco, Donalísio, Barros, Cesar, Carandina, & Goldbaum, 2008; Mota, 2010). Como a estratégia de resolução de problemas mostrou-se eficaz na redução dos estressores ocupacionais, é possível pensar em intervenções direcionadas ao desenvolvimento desta habilidade, podendo ser colocada em prática, no mundo do trabalho, através de treinamentos e capacitações. Além disso, é importante dar seguimento a novos estudos no Brasil, a partir de amostras probabilísticas em contextos ocupacionais, a fim de ampliar a compreensão sobre *coping* em trabalhadores, dessa maneira, ampliando as categorias profissionais investigadas.

A análise das estratégias de enfrentamento em diferentes categorias profissionais pode oferecer informações importantes para auxiliar no desenvolvimento das políticas públicas em saúde do trabalhador, assim como para prevenção e desenvolvimento de programas de promoção de saúde ocupacional.

Referências

- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>.
- Barros, A. M. (2008). Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho*, 47(77):67-83..
- Braun, A. C., & Carlotto, M. S. (2013). Síndrome de *Burnout* em professores de ensino especial. *Barbarói*, (39), 53-69.
- Breakwell, G. M., & Rose, D. (2010). Teoria método e delineamento de pesquisa. In G. M. Breakwell, C. Fife-Shaw, S. Hammond. A., & J Smith (Orgs.), *Métodos de pesquisa em psicologia* (pp. 238-259). Porto Alegre: Artmed.

- Briner, R. B. (2012). Evidence-based practice and occupational health psychology. In J. Houdmont, S. Leka & R. Sinclair (Eds.), *Contemporary occupational health psychology: global perspectives on research and practice* (pp.36-56). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Caetano, E., & Neves, C. E. (2009). Relações de gênero e precarização do trabalho docente. *Revista HISTEDBR On-line*, 9(33e): 251-263. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i33e.8639539>
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). Coping e gênero em adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 87-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100011>
- Campos, C. R., & Nakano, T. C. (2012). Produção científica sobre avaliação da inteligência: O estado da arte. *Interação em Psicologia*, 16(2), 271-282. <https://doi.org/10.5380/psi.v16i2.22619>
- Carlotto, M. S. (2011). Tecnoestresse: Diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(2), 51-64.
- Carlotto, M. S., & Câmara, S. G. (2010). Tecnostress of workers on information and communication technologies. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 308-317. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200007>
- Carver, C. S., Sheir, M. F., & Weintraub, B. (1989). Assessing coping strategies: a theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 267-283.
- Damião, E. B. C., Rossato, L. M., Fabri, L. R. O., & Dias, V. C. (2009). Inventário de estratégias de enfrentamento: um referencial teórico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(2), 1199-1203. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000600009>
- Davis, A. & Bremner, G. (2010). O método experimental em psicologia. In G. M. Breakwell, C. Fife-Shaw, S. Hammond. A., & J Smith (Orgs.), *Métodos de pesquisa em psicologia* (pp. 238-259). Porto Alegre: Artmed.
- De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., & Bertolozzi, M. R. (2011). Revisão sistemática: Noções gerais. *Revista da Escola de Enfermagem-USP*, 45(5), 1260-1266. doi: 10.1590/S0080-62342011000500033
- Demorouti, E. (2014). Individual strategies to prevent burnout. In M. P. Leiter, A. B. Bakker, & C. Maslach (Orgs.), *Burnout at work: A psychological perspective* (pp. 32-55). New York: Psychology Press.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.
- Epstein, S., & Meier, P. (1989). Constructive thinking: A broad coping variable with specific components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(2), 332-350. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.2.332>
- Fernandes, S. R. P. & Vasques-Menezes, I. (2012). Organizações do trabalho: Implicações para a saúde do trabalhador. In M. C. Ferreira, & H. Mendonça (Orgs.), *Saúde e bem-estar no trabalho: Dimensões individuais e culturais* (pp. 261-275). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Folkman, S. (1984). Personal control, stress and coping processes: A theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 839-852. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.839>

- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21(3), 219-239.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes, it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(1), 150-170. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.48.1.150>
- Fontes, A. P., Neri, A. L., & Yassuda, M. S. (2010). Enfrentamento de estresse no trabalho: Relações entre idade, experiência, autoeficácia e agência. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(3), 620-633. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300013>
- Francisco, P. M. S. B., Donalizio, M. R., Barros, M. B. D. A., Cesar, C. L. G., Carandina, L., & Goldbaum, M. (2008). Medidas de associação em estudo transversal com delineamento complexo: Razão de chances e razão de prevalência. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 11(3), 347-55. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2008000300002>
- Frydenberg, E. (1997). *Adolescent coping: Theoretical and research perspectives*. New York: Routledge.
- Griep, R. H., Rotenberg, L., Landsbergis, P., & Vasconcellos-Silva, P. R. (2011). Uso combinado de modelos de estresse no trabalho e a saúde auto-referida na enfermagem. *Revista de Saúde Pública*, 45(1), 145-52. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011000100017>
- Guido, L. A., Linch, G. F. C., Pitthan, L. O., & Umann, J. (2011). Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(6), 1434-1439. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000600022>
- Guido, L. A., Silva, R. M., Goulart, C. T., Kleinübing, R. E., & Umann, J. (2012). Estresse e coping entre enfermeiros de unidade cirúrgica de hospital universitário. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 13(2), 428-436. <https://doi.org/10.15253/rev%20rene.v13i2.3949>
- Guido, L. A., Umann, J.; Stekel, L. M. C., Linch, G. F. C., Silva, R. M. S., & Lopes, L. F. D. (2009). Estresse, coping e estado de saúde de enfermeiros de clínica médica em um hospital universitário. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 8(4), 615-621. <http://dx.doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v8i4.9690>
- Hermida, P., & Stefani, D. (2011). La jubilación como un factor de estrés psicosocial. Un análisis de los trabajos científicos de las últimas décadas. *Perspectiva en Psicología*, 8(1): 101-107.
- Hypolito, A. M. & Grishcke, P. E. (2013). Trabalho imaterial e trabalho docente. *Educação Santa Maria*, 38(2), 507-522. <https://doi.org/10.5902/198464448998>
- Kleinubing, R. E., Goulart, C. T., Silva, R. M., Umann, J., & Guido, L. A. (2013). Estresse e coping em enfermeiros de terapia intensiva adulto e cardiológica. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 3(2), 335-344. <https://doi.org/10.5902/217976928924>
- Kurebayashi, L. F. S., Gnatta, J. R., Borges, T. P., & Silva, M. J. P. (2012). Aplicabilidade da auriculoterapia para reduzir estresse e como estratégia de coping em profissionais de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(5), 980-987. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000500021>
- Latack, C. J. (1986). Coping with job stress: Measures and future directions for scale development. *Journal of Applied Psychology*, 71(3), 377-385. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.71.3.377>

- Lazarus, R. S., & Folkman S. (1984). *Estresse, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Mota, M. M. P. E. (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: Velhas questões revisitadas. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144-149.
- Murta, S. G., & Tróccoli, B. T. (2009). Intervenções psicoeducativas para manejo de estresse ocupacional: um estudo comparativo. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 25-42.
- Murta, S. G., & Tróccoli, B. T. (2007). Stress ocupacional em bombeiros: efeitos de intervenção baseada em avaliação de necessidades. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(1), 41-51. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100005>
- Negromonte, M. R. O., & Araujo, T. C. C. F. (2011). Impacto do manejo clínico da dor: avaliação de estresse e enfrentamento entre profissionais de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2), 238-244. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000200003>
- O'Driscoll, M. P. (2013). Coping with stress: A challenge for theory, research and practice. *Stress and Health*, 29(2), 89-90. <https://doi.org/10.1002/smi.2489>
- Paulin, T., & Luzio, C. A. (2009). A Psicologia na saúde pública: Desafios para a atuação e formação profissional. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 98-109.
- Peçanha, D. R., & Campana, D. P. (2010). Avaliação quali-quantitativa de intervenção com yoga na promoção da qualidade de vida em uma universidade. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 78(1), p. 199-218.
- Piko, B. (2001). Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping. *The Psychological Record*, 51(2), 223-235. <https://doi.org/10.1007/BF03395396>
- Pocinho, M., & Perestrelo, C. X. (2011). Um ensaio sobre burnout, engagement e estratégias de coping na profissão docente. *Educação e Pesquisa*, 37(3), 513-528. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300005>
- Prati, G., Pietrantonio, L., & Cicognani, E. (2011). Coping strategies and collective efficacy as mediators between stress appraisal and quality of life among rescue workers. *International Journal of Stress Management*, 18(2), 181-195. <https://doi.org/10.1037/a0021298>
- Puente, C. P., Gutiérrez, L. D., Pueyo, E. G., & López, R. V. (2000). Estrategias de afrontamiento ante situaciones de estrés: Un análisis comparativo entre bomberos con y sin experiencia. *Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones*, 16(3), 341-356.
- Rampelotto, C. M., & Abaid, J. L. W. (2011). Estratégias de coping utilizadas por pilotos de caça. *Barbarói*, 35, 30-42.
- Rocha Sobrinho, F., & Porto, J. B. (2012). Bem-estar no trabalho: Um estudo sobre suas relações com clima social, coping e variáveis demográficas. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2): 253-270. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552012000200006>
- Rodrigues, A. B., & Chaves, E. C. (2008). Fatores estressantes e estratégias de coping dos enfermeiros atuantes em oncologia. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(1):1-5. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000100004>

- Santos, A. F. O., & Cardoso, C. L. (2010). Profissionais de saúde mental: Estresse, enfrentamento e qualidade de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 543-548. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300017>
- Seidl, E. M. F., Troccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégia de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), p. 225-34. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300004>
- Severino, S., Rabelo, E. N., & Campos, R. P. (2013). Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre profissionais de tecnologia da informação. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 238-254.
- Schaefer, J. A., & Moos, R. H. (1998). The context for posttraumatic growth: life crises, individual and social resources, and coping. In R. G. Tedeschi, C. L. Park, & L. G. Calhoun (Eds.), *Posttraumatic growth: positive changes in the aftermath of crisis* (pp. 99-125). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Smith, R. E., Schutz, R. W., Smoll, F. L., & Ptacek, J. T. (1995). Development and validation of a multidimensional measure of sport-specific psychological skills: The Athletic Coping Skills Inventory-28. *J Sport Exerc Psychol.*, 17(4):379-98. <https://doi.org/10.1123/jsep.17.4.379>
- Sousa, I. F., Mendonça, H., Zanini, D. S., & Nazareno, E. (2009). Estresse ocupacional, coping e burnout. *Estudos Goiânia*, 36(1), 57-74. <https://doi.org/10.18224/est.v36i1.1018>
- Sousa, J. R. (2011). Associações da personalidade, enfrentamento e suporte social com o estado nutricional. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 12(2), 183-196.
- Souza, M. D. C., Guimarães, A. C. D. A., & Araujo, C. D. C. R. D. (2013). Estresse no Trabalho em Professores Universitários. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 11(35): 1-8.
- Tamayo, M. R., Mendonça, H., & Silva, E. N. (2012). Relação entre estresse ocupacional, coping e burnout. In M. C. Ferreira, & H. Mendonça (Orgs.), *Saúde e bem-estar no trabalho: Dimensões individuais e culturais* (pp. 35-61). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Taris, T. W., & Kompier, M. (2014). Cause and effect: Optimizing the designs of longitudinal studies in occupational health psychology. *Work & Stress: An International Journal of Work, Health & Organisations*, 28(1): 1-8. <https://doi.org/10.1080/02678373.2014.878494>
- Telles, S. H., & Pimenta, A. M. C. (2009). Síndrome de Burnout em agentes comunitários de saúde e estratégias de enfrentamento. *Saúde & Sociedade São Paulo*, 18(3), 467-478. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300011>
- Tonetto, A. M., Amazarray, M. R., Koller, S. H., & Gomes, W. B. (2008). Psicologia organizacional e do trabalho no Brasil: Desenvolvimento científico contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 165-173. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200003>
- Turato, E. R. (2005). Métodos quantitativos e qualitativos na área da saúde: Definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>.
- Vaillant, G. E. (1994). Ego mechanisms of defense and personality psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103(1), 44-50.

Vieira, L. F., Carruzo, N. M., Aizava, P. V. S., & Rigoni, P. A. G. (2013). Análise da síndrome de "burnout" e das estratégias de "coping" em atletas brasileiros de vôlei de praia. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(2): 269-76. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000012>

Zaffari, N. T., Peres, V. L., Carlotto, M. S., & Câmara, S. G. (2009). Síndrome de Burnout e estratégias de coping em professores: diferença entre gêneros. *Psicologia IESB*, 1(2), 1-12.

Submetido em: 18/08/2014

Revisto em: 12/10/2016

Aceito em: 04/12/2016

Endereços para correspondência

Lúcia Petrucci de Melo
lulucitamelo@hotmail.com

Mary Sandra Carlotto
mscarlotto@gmail.com

Sandra Yvonne Spiendler Rodriguez
psicologa07@gmail.com

Liciane Diehl
licidiehl@gmail.com

I. Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil.

II. Psicóloga. Doutora em Psicologia Social. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil.

III. Psicóloga. Doutora em Psicologia. Docente da Escola de Saúde e Bem Estar do Centro Universitário FADERGS. Porto Alegre. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil.

IV. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Docente. Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Lajeado. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil.